

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ROSELENE CAVALCANTE TRINDADE

MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ROSELENE CAVALCANTE TRINDADE

MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA

Memorial apresentado ao curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para Conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Trindade, Roselene Cavalcante.

T736m Memorial de Formação : memórias de uma educadora / Roselene Cavalcante
Trindade. – Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-186-BFE

AH! Se o mundo inteiro me pudesse ouvir

*Tenho muito pra contar
Dizer que aprendi.*

(TIM MAIA)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS...

Escrever este memorial para mim é muito mais que cumprir uma obrigação acadêmica ou fazer um simples trabalho de conclusão de curso. É uma oportunidade de concretizar algo que até o presente momento de minha vida não fiz, ou seja, expressar no papel minhas sensações e meus sentimentos com relação a minha própria vida, à profissão, ao futuro... O meu jeito de ser hoje, a forma como e porque existo assim, a minha história de vida, cristalizada no papel num momento importante da minha vida. Um trabalho de muita transparência, espero conseguir... Contudo, nos parâmetros cientificistas que caracterizam um trabalho acadêmico, esse memorial deveria possuir um certo rigor, uma certa padronização atendendo o que o academicismo considera como que ideal, mas como ideal para mim é um juízo de valor que nós emitimos, digo-lhes que este memorial é muito relevante para mim, sendo assim optei por fazê-lo como algo prazeroso e significativo.

Acho que somos muitas vezes obrigados a nos submeter aos padrões que a sociedade determina. Assim também é na Universidade: são raros os momentos em que podemos participar de atividades dirigidas em que não tenhamos de fazer avaliações e cumprir exigências acadêmicas. Acho que tudo que fazemos por uma pura obrigação, torna-se maçante e doloroso, o que pode distanciar de algumas possibilidades de formação.

Por tudo isso, gostaria de expressar nesse texto, meus próprios sentimentos. Percebo que muitos colegas vêem este memorial como mais uma entre tantas outras obrigações que temos que cumprir dentro da Universidade. Acabam pôr fazer sem nenhum prazer, acrescentando mais um entres tantos papéis na Biblioteca.

Faço esse memorial como se estivesse escrevendo um livro da minha vida. Talvez você se identifique com alguma coisa, talvez você ache que isso não passe de “historinhas”. Mas escrevo estas linhas como Geraldo Vandré e Théo de Barros em “Disparadas”:

“Se você não concorda, não posso me desculpar, não canto pra enganar, vou pegar minha viola, vou deixar você de lado, vou cantar noutra lugar...”

MEMÓRIAS I



O Reitor da Universidade Estadual de Campinas
Carlos Henrique de Brito Cruz

tem a honra de convidá-lo(a) para " Sessão Solene de Abertura do Curso de Pedagogia Programa Especial de Professores da RMC"

Data: 26 de agosto de 2002(Segunda -feira)
Horário:20:00 Horas
Local: Centro de Convenções-Unicamp

Este com certeza foi uns dos mais importantes convites que já recebi em minha vida. Um convite especial, ao mesmo tempo em que real, embora que parecesse um sonho. Um sonho que sempre persisti e que sempre acreditei que um dia pudesse realizá-lo. E o dia 26 de agosto de 2002, foi o dia que este sonho de estar em uma universidade se realizou.

Eu estava agora em uma universidade, como sempre havia sonhado, e estava na Unicamp, muito mais do que poderia ter sonhado. O que me fez descobrir que podemos ir muito mais além dos nossos sonhos e ideais. E que a vida nos abre portas, que muitas vezes pensávamos que jamais seriam-nos abertas, e nos permite nos surpreendermos em nosso caminhar...

Esta é a grande graça da vida!

E que bom que a vida pôde me surpreender com algo tão importante, pois entrar em uma universidade foi o começo de uma importante concretização na minha vida e que desde pequenina sempre acalentei.

Nasci em uma família humilde onde meus pais tinham pouco grau de instrução escolar, não tinham muito conhecimento intelectual para me oferecer, mas tinham valores de vida talvez muito mais preciosos do que os conhecimentos acadêmicos. E foram estes valores que me fizeram desde pequena a batalhar e acreditar em meus sonhos e objetivos sempre com determinismo e perseverança.

E foi assim que fui crescendo, queria ter e oferecer a minha família uma vida melhor, pois éramos de um nível social econômico baixo, mas sabia que precisaria de uma “longa caminhada”, precisaria ser persistente, otimista, batalhadora e principalmente determinada, pois muitas são as barreiras e obstáculos que enfrentamos, principalmente quem vêm de uma família de poucos recursos financeiros como eu.

Mas sabia que para vencer não importa o meio social em que estamos inseridos, mas sim o que realmente importa é a vontade e o desejo de cada um de romper barreiras. E este desejo não faltava em mim.

Quando entrei na escola pela primeira vez, já aos oitos anos de idade em 1982 para cursar a 1º série do ensino fundamental, sabia que ali seria o começo da minha longa caminhada para alcançar os meus ideais e quando consegui após anos de persistência, entrar no 1º semestre do curso de Pedagogia em agosto de 2002 tive a certeza que durante todos os anos que se passaram eu estive no caminho certo.

Durante os meus anos de escola do então chamado primário e ginásio, sempre me perguntava como eu iria um dia conseguir fazer uma faculdade, pois sabia que não iria ter condições de custear meus estudos em uma faculdade, já que minha família não havia condições de me ajudar.

Durante o curso do Magistério também sempre me ocorria essa mesma preocupação, pois não queria parar no meio do caminho, queria continuar, seguir meus planos, realizar meus sonhos, mas como, se eu sabia que a remuneração salarial que iria receber após a formação como professora era muito pouco para ajudar a minha família no sustento da casa e ainda restar dinheiro para pagar uma faculdade.

Sabia que seria muito difícil, e pouco provável que eu conseguiria.

E após terminar o magistério, eu não consegui mesmo, fui trabalhar, fui ser professora, fui de encontro a grandes desafios, que em todo o tempo me fizeram crescer e a querer sempre ir cada vez um pouco mais além.

Mas, o sonho de crescer mais profissionalmente freqüentando uma universidade permanecia “vivo” dentro de mim, mesmo que as condições no momento não fossem favoráveis a isso.

Eu comecei a minha carreira como professora estadual na categoria de ACT (Admitida em caráter temporário) e permaneci nesta categoria por 10 anos, pois não ocorreu neste período nenhum concurso para efetivação na rede estadual.

Todo início de ano era sempre uma tensão, nunca sabia se conseguiria uma sala, era sempre incerto, logo, pois não poderia assumir uma dívida com uma faculdade, pois nunca sabia ao certo se teria uma sala para aquele ano.

Mas, embora muitas das vezes as circunstâncias que nos cercam pareçam não muito favoráveis, a verdade é que nunca podemos deixar nossos ideais de lado, nem tão pouco de lutarmos por eles, pois quando insistimos muito em algo que acreditamos ser possível, algo de mágico sempre nos acontece e eu pude ver isso acontecer na minha vida.

No ano de 2002, quando prestei um concurso municipal e fui aprovada para então ocupar um cargo de efetivo exercício como professora, tive a certeza que realmente há um tempo certo para tudo acontecer na vida, desde que estejamos continuamente persistindo e buscando por ele.

Tornar-me uma professora efetiva foi para mim motivo de grande alegria, pois eram anos de luta nesta profissão tão pouco valorizada e repleta de constantes desafios, sem poder ter ao menos uma estabilidade.

Mas agora eu tinha esta estabilidade, pois era efetiva e esta alegria foi maior ainda, pois não foi por um simples acaso da vida que havia conseguido me tornar efetiva na rede municipal, havia sim um propósito maior nessa efetivação.

Tive a certeza disso quando ao iniciar meu trabalho na rede de educação municipal eu fui instantaneamente convidada e incentivada pela Secretaria da Educação a participar da inscrição para vestibular do curso de Pedagogia oferecido pela Universidade de Campinas – Unicamp. Parecia-me algo impossível de acontecer, mas mesmo assim resolvi arriscar.

Sabia que seria difícil e concorrido este vestibular, até porque eu já havia prestado anteriormente e o resultado foi decepcionante. Mas mesmo assim sabia que era uma nova oportunidade na minha vida e que eu deveria ao menos tentar.

Fazer a inscrição, prestar o vestibular, esperar a divulgação dos aprovados; tudo isso foram etapas de extrema ansiedade, mas que foram recompensadas com um resultado positivo. Eu estava aprovada para entrar na Universidade da Unicamp, e para ir de encontro aos meus ideais.

Lembro-me do primeiro dia de aula na Universidade como quem se lembra de uma linda história encantada. Estar dentro de uma sala de aula novamente depois de alguns anos, cursando uma universidade significava para mim, que os meus planos não haviam sido interrompidos nem tão pouco deixados de lado, eles estavam sim, seguindo seu percurso.

Muitas coisas me vieram à mente, é como se passasse um filme da minha vida naquele momento.

Comecei a lembrar da minha infância onde sonhava em ser artista, jornalista e que mal imaginava ser uma Pedagoga... Recordei nos meus tempos em que cursava o magistério onde me sentia que havia caído “meio que de para-queda” sem saber ao certo porque estava ali e o que iria fazer após terminar o curso, pois não tinha muitas pretensões com aquela profissão.

Brevemente também me recordei de todos os anos que fui professora; do início, do meu envolvimento com a profissão, da forma em que fui me encontrando nela, da paixão que aprendi a sentir, dos desafios que passei, das vitórias que consegui; enfim foi toda uma trajetória de vida até que eu conseguisse finalmente estar ali.

Essa etapa da minha vida era uma das mais esperada e desejada e por mais que tivesse conquistado, por mais que tivesse realizado, eu sempre sentia que faltava algo.

Era como uma música que embora tivesse uma linda letra, lhe faltava a melodia. E ao entrar na universidade pude dar a melodia que faltava a minha música; pude dar ao meu trabalho o complemento que ainda me faltava. Pude dar som ao meu silêncio...

CERTAS COISAS

(Lulu Santos)

Não existiria som se não houvesse o silêncio

Não haveria luz se não fosse a escuridão

A vida é mesmo assim dia e noite não e sim.

Cada voz que canta o amor, não diz tudo o que quer dizer

Tudo que cala fala mais alto ao coração

Silenciosamente eu te falo com paixão.

Eu te amo calado como quem ouve uma sinfonia

De silêncio e de luz!

Nos somos medo e desejo, somos feito de silêncio e som

Tem certas coisas que eu não sei dizer.

MEMÓRIAS II

“Nosso tempo, o dos educadores, é este hoje em que se encontra, em gestão o amanhã. Não um amanhã qualquer, mas um amanhã intencional, planejado, provocado, agora. Um amanhã sobre o qual não possuímos certezas, mas que sabemos possibilidades.”

MS. Cortella

Ao longo dos anos como professora, aprendi muito e cresci muito enquanto profissional, mas sempre desejei cursar Pedagogia, pois sabia o quanto poderia crescer ainda mais, e o quanto poderia melhorar como educadora. Queria poder oferecer aos meus alunos uma melhor qualidade de ensino e sabia que este curso muito me acrescentaria.

Poder começar a cursar o PROESF- (Programa Especial de Professores em exercício) , foi para mim além das minhas expectativas acadêmicas pois este programa que partiu de uma proposta da Pró-Reitoria Graduação da Unicamp com parceria com as Secretarias de Educação de alguns municípios e que visa formar professores das séries iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil em Licenciatura Plena em Pedagogia se revestindo de um caráter bastante específico e de características singulares, veio ao encontro das minhas necessidades como educadora e anseios.

O caráter inovador deste curso muito me chamou a atenção, pois se tratava de um projeto elaborado especificamente para nós professores em exercício, valorizando assim a importância de nos proporcionar condições para a melhoria

da qualidade do ensino público dentro de uma proposta de uma formação inicial e continuada e com a integração e troca da experiência docente dos professores em exercício, visando uma perspectiva interdisciplinar e coletiva do trabalho pedagógica e da construção da autonomia intelectual e profissional.

Neste projeto, ainda, houve uma outra particularidade, a não presença dos professores doutores da Unicamp como nossos professores, o que para muitos alunos-professor, foi motivo de desagrado, porém, ao meu ver, olhando pela ótica do projeto a presença dos profissionais da área da educação, também em exercício, ou seja, os Assistentes Pedagógicos como nossos professores, manteve a essência do programa que é a articulação entre teoria e prática, o que para mim é bastante relevante, uma vez que muitos desses doutores professores possuem uma teoria pouco vivenciada no dia-a-dia ao contrário das nossas Aps. (Assistentes Pedagógicas).

Todas as Aps (Assistentes Pedagógicas) tiveram um tempo de estudo e preparação com os professores da Unicamp, onde elaboraram coletivamente todo o trabalho que seria desenvolvido durante o curso. Sendo que também além desses pré-encontros durante o curso todas Aps mantiveram essas reuniões de elaboração das aulas a serem ministradas.

E o que considerei bastante relevante também foi que todas as Aps estavam trabalhando em alguma área da educação e isso foi bastante válido, o que permitiu que com essa aproximação com a realidade escolar pudesse facilitar e enriquecer as nossas aulas.

MÉMOIAS III

"A maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino".

(Nóvoa, 1992)

O meu encanto pelo Proesf, não foi apenas na forma que eles estava estruturado e nos seus objetivos, mas também se estendeu às disciplinas que por muitas vezes me fizeram mudar o meu olhar para determinado aspecto e conseqüentemente levou-me a uma mudança de atitude e conduta frente aos meus alunos.

Lembro-me das aulas da Disciplina de Multiculturalismo e Diversidade Cultural do primeiro semestre que coincidentemente foi a primeira disciplina que tivemos no primeiro dia de aula e que durante o semestre muito me acrescentou, pois enfocou variadas formas de educação, dentro e fora da escola e os mecanismos de inclusão/exclusão dos sujeitos. Pude com isso repensar na escola e nos diferentes grupos sociais. Pudemos também discutir como o professor como a pessoa constrói a base para seu crescimento profissional vencendo as barreiras dos preconceitos e isso me ajudou muito a adquirir competência para ser o mediador do processo de desenvolvimento e aprendizagem dos meus alunos.

E essa temática que durante esta disciplina abordamos proporcionou-me pensar melhor na questão da pluralidade cultural como parte integrante de nossas vidas.

E isso me levou a iniciar em sala de aula um trabalho de reconhecimento da identidade, raça, cultura, crenças, hábitos, costumes... da minha sala de aula e de seus familiares proporcionando às crianças um resgate de sua origem, e para isso, realizamos em sala de aula um projeto, onde iniciou-se com a participação dos pais, tios e avós dos alunos que recontavam às crianças sua história de origem e crenças. E o resultado foi bastante positivo, pois, com isso, conseguimos também aproximar a comunidade para a escola dentro de uma proposta de representação social e de conhecimento do senso comum compartilhadas por um grupo social. Dessa forma, a partir das observações e de informações de alunos, pais, escola, pude construir uma representação inicial dos meus alunos. O que foi importante, pois, muitas vezes, pensamos em nossos alunos como padronizados, esperamos por um modelo de “aluno ideal” dentro de um único perfil e com este projeto, atentei-me a olhar a cada um de forma única, pois cada um possui a sua história, sua origem, seus hábitos, costumes, crenças, e como cada um possui o seu papel como sujeito social e deve ser respeitado como tal.

A forma como o professor vê o aluno é fundamental, pois temos que olhar de forma verdadeira por ser facilmente captada pela criança. Temos que trabalhar com a criança de forma a incentivá-la e motivá-la onde possa ter alguém em quem possam confiar e para isso nós educadores temos que ser capaz de nos fascinar com a vida e as múltiplas possibilidades que ela nos apresenta.

O professor necessita buscar a aproximação com o aluno e a aceitar sua realidade mesmo que ela não esteja dentro daquela realidade idealizada. É necessário vencer com as barreiras da exclusão, fazendo com que as diferenças

possam ser suporte para uma aprendizagem ampla voltada para a realidade de cada um onde para possam ser reconhecidos como indivíduo, incentivados como pessoa e estimulados como ser humano. (TRINDADE;SANTOS, 2000)

Realmente foi bastante significativo trabalhar com este projeto onde pude conhecer melhor quem eram os meus alunos e o mais interessante ainda foi que ele “nasceu” de uma visão e de um conhecimento adquirido na universidade, com isso percebi em mim, que estava podendo ter nas aulas enquanto aluna um espaço importante para rever meus conceitos, para refletir na minha prática pedagógica bem como direcioná-la melhor sobre novos olhares e enfoques.

É importante nos atentarmos para o quanto à educação mudou, sabemos que nem sempre foi preocupação das nações, tampouco contou com uma política educacional ou proposta pedagógica definidas. Sabemos que na escola revelam-se os valores, os costumes e as crenças da sociedade e das pessoas. Em meu ponto de vista, a escola (comunidade/professor/aluno) tem que unir as forças para atender às necessidades que surgem no contexto da comunidade, modificando a postura, os métodos de ensino e os conteúdos e, sobretudo, os nossos objetivos que devem estar centrados no respeito à diversidade cultural, à ética e à cidadania. (professora-cursista, Marinalva Ramos, do pólo de Alta Floresta/MT).

Eu estava sentindo-me então realizada, pois mesmo tendo “caído meio de para-queda” no magistério, com o passar do tempo, ao tornar-me professora, e exercer minha profissão, o envolvimento com ela e a paixão também foi inevitável. E ao me encontrar profissionalmente, sempre tive vontade de crescer mais, de

buscar novas fontes de conhecimento e pesquisa e eu estava conseguindo encontrar no curso de Pedagogia um espaço relevante para isso.

Lembro-me que desde que comecei a exercer o magistério, atentei-me a analisar criticamente a minha prática pedagógica, queria transmitir aos meus alunos conhecimento e um aprendizado significativo a eles, pois minhas experiências como aluna das séries iniciais do ensino fundamental não ocorreram com significância para mim, pois tudo era muito mecânico e memorizado, razão pela qual procurava oferecer a eles sempre um espaço de aprendizado diferenciado do qual eu tive. Por mais que fossem os obstáculos de cada ano escolar, sempre procurava conhecer mais sobre meus alunos, dar eles voz e vez na sala de aula.

Consegui aos poucos me aproximar mais dos alunos, criar um vínculo maior com eles, sabia que antes de aprenderem qualquer conhecimento eles precisariam aprender a encontrar significado e importância no que faziam.

Foi nessas relações que realmente fui me identificando com a minha profissão, estava aprendendo que ser professora era muito mais do que transmitir conhecimentos, mas sim preparar para a vida. E este aprendizado foi muito significativo para mim, sendo que a minha opção pelo magistério foi na verdade mesmo fruto do acaso por uma escolha casual e até necessária, visto que necessitava de um emprego breve para poder cursar uma universidade em um curso relacionado ao que eu gostava como: jornalismo, publicidade... mas permaneci nela até hoje por uma escolha plenamente consciente e de uma decisão totalmente segura.

Um poema que marcou minha trajetória profissional por retratar um sentimento semelhante ao que eu sentia foi “ Um Sonho De Querer” de Jota Neris.

Um sonho de querer

Meu trajeto de professor
É a peleja que cada instante
Muito tenho a aprender,
Faço da leitura um escudo,
Da vida um estudo,
Do livro um viver.
Meu saber é ainda criança
Rasgo o verbo pra arrogância
De quem cala na comissão
Faço do sonho minha verdade
Do aprender santidade
Do ensinar minha missão.
Vivo sempre por querer
E meu querer é viver
Na vivência saber
Que pouco tenho do ter,
Mas muito do ser
E o que tenho a aprender
É a vontade de viver
Viver pra aprender Viver....

Jota Neris –do livro Sonho Matutino

MEMÓRIAS IV

" Todo fazer pedagógico nasce de um sonho. Sonho que emerge de uma necessidade , de uma falta que nos impulsiona na busca de um saber fazer."

Madalena Freire

O interessante é que quando iniciei o curso de Pedagogia, logo percebi que toda essa minha relação com a escola estava sendo colocada para nós para que pudéssemos refletir sobre ela, sempre no sentido de aprimorá-la e aperfeiçoá-la, e era realmente o que eu buscava.

A disciplina de Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa foi para mim uma das disciplinas que mais veio ao encontro dos meus anseios, pois a relação da leitura e escrita sempre foi para mim como "a menina dos meus olhos" e realmente a disciplina nos proporcionou analisarmos melhor a nossa prática pedagógica nessa relação.

Quando começamos a estudar os modelos de alfabetização, as concepções de escrita, as contribuições da teoria Construtivista e principalmente o conceito de letramento, muitas dúvidas puderam ser solucionadas, muitas questões foram melhor discutidas e entendidas pela classe e principalmente por mim. E o mais interessante foi que sempre o ponto de partida era a prática docente de nós alunas, e com isso houve muita troca de experiência, o que foi muito rico para mim.

A alfabetização já foi entendida como um conjunto de habilidades, ou seja, como um processo que se desenvolve em nível individual de desvinculação de seu uso social, foi como, por exemplo, da forma em que eu fui alfabetizada.

Lembro-me que passávamos horas memorizando frases e palavras com sons parecidos como: O BEBÊ BABOU NA BABÁ, O BOI BABÁ, entre outras tantas. Frases essas totalmente descontextualizadas e sem significância alguma.

Nos últimos tempos ocorreu uma mudança que nos trouxe um novo conceito de alfabetização, e entre estes novos conceitos veio o letramento, e a disciplina de Produção em Língua Portuguesa soube explorar este conceito com nós alunas de uma forma enriquecedora que muito me acrescentou. Dispus-me a entender e a pesquisar mais sobre o assunto e fui pouco a pouco adquirindo mais conhecimento sobre este conceito, o que fez com que automaticamente pudesse melhorar a minha prática docente uma vez que tenho tido por vários anos consecutivos sala de alfabetização.

Lembro-me quando peguei pela primeira vez uma sala de alfabetização o que para mim foi um grande desafio: o desafio do novo, que sempre nos causa medo e insegurança.

Não sabia muito bem o caminho a seguir, “apanhei” bastante, vi-me meio perdida, pois estava no momento uma palavra em alta: CONSTRUTIVISMO. Não sabia direito o que esta palavra significava (e confesso que demorou para que eu entendesse), mas entendi que para ser considerada uma boa professora alfabetizadora naquele momento, eu precisava ser construtivista, mesmo sem saber ao certo o que isto significava.

Procurei me interagir mais do assunto e tinha para isso duas irmãs também professoras que possuíam mais tempo de experiência profissional e uma delas era coordenadora e havia iniciado um estudo com suas professoras sobre os métodos e metodologias julgadas construtivistas e eu procurei com elas me interagir mais do assunto em discussão no momento.

Na verdade nunca entendi direito isso, o que entendi mesmo com o passar do tempo e com minhas próprias experiências, era que, alfabetizar uma criança era muito mais do que repetir sílabas e memorizar palavras como eu fui por exemplo alfabetizada.

Não sabia ao certo o que era CONSTRUTIVISMO, mas sabia que jamais iria alfabetizar meus alunos como fui alfabetizada; ou seja; com uma cartilha contendo infinitas palavras com sons parecidos os quais tínhamos que repetir varia vezes e copiá-las: lembro-me dessas frases que estudávamos o dia todo, sem entender ou encontrar algum significado nelas até hoje.

Sempre procurei fazer do aprendizado algo significativo para meus alunos, partindo das suas próprias vivências e histórias de vida.

Claro que tudo na vida é sempre um eterno aprendizado, e precisei aprender muitas coisas, fiz vários cursos, troquei bastante experiência com colegas, tudo para poder crescer mais na minha profissão e para proporcionar aos meus alunos um aprendizado mais rico e significativo a eles.

Abandonei o papel apenas de transmissor de conteúdos para se tornar um pesquisador, onde o aluno era sempre sujeito deste processo.

“À medida que um aluno vive num meio sobre o qual é possível agir, no qual é possível, juntamente com os outros, discutir, decidir, realizar, avaliar é que realmente são criadas as condições mais favoráveis ao aprendizado” (Josette Jolibert)

Alfabetizar não é uma tarefa fácil, mas se torna muito mais difícil ainda quando se apresenta desvinculada da história e da identidade do aluno. E o pior ainda quando se desconsidera a sua bagagem e o contexto em que ela está inserida.

Ao estudarmos a linguagem da leitura e da escrita na Disciplina de Teoria Pedagógica e Produção em Português vimos que toda criança toma contato com diferentes formas de escrita ao longo de sua infância. Estas formas podem ser apresentadas em anúncios, contos, histórias, desenhos animados...

Já presenciaram também narrativas de notícias de jornais ou adulto lendo uma notícia escrita. E essa bagagem deve ser considerada e ser ponto de partida para um aprendizado significativo.

Foi interessante para mim, atentar-me melhor para este enfoque, já que muitas vezes, como professora, a ansiedade de vermos nossos alunos alfabetizados nos faz entrar em uma “corrida” de transmissão de dados e conteúdo, queimando etapas tão importantes como por exemplo a própria vivência do aluno.

A criança e ou um adulto, quando entra na escola para se alfabetizar, já possui contato com diversas formas de escrita não sendo portanto na escola seu

primeiro contato com ela, e esta já existente relação com a escrita fora da escola deve ser considerada.

Partindo desse pressuposto, lembro-me de uma aluna de 1ª série que tive no ano de 1998, que ao iniciarmos as produções de texto em sala de aula, ela se destacou pela sua criatividade e coerência textual, demonstrando bastante conhecimento sobre a linguagem escrita (não compreendida como a escrita grafada e convencional) mas sim pela sua forma clara, simples e objetiva de relatar.

E conversando com a sua professora anterior que deu aula para ela na pré-escola, concluímos que a diferença maior do conhecimento lingüístico da aluna estava nas referências oferecida a ela no seu processo de alfabetização.

Todas as crianças participavam das práticas de leitura desenvolvidas na pré-escola, ela, no entanto diferenciava das demais crianças, pois participava comumente de eventos interativos nos quais sua mãe costumava ler contos infantis para ela.

Dessa forma, enquanto as demais crianças tinham cartilhas, os discursos orais cotidianos e as práticas de leitura escolarizada, a aluna tinha uma referência diferente que possibilitava a ela tanto a construção de outros sentidos para as práticas de leitura quanto a constituição de outras referências sobre a língua e a linguagem.

Embora os textos dela tivessem muitos erros grafados, foi possível concluir que é possível aprender a linguagem escrita antes mesmo de se ter compreendido

a escrita da linguagem, quer dizer, antes mesmo de se saber escrever de maneira que todos possam ler.

Segundo Rego, há uma aquisição da linguagem escrita que independe do domínio dos mecanismos de codificação e decodificação e pode ser início mesmo antes de a criança atingir pleno entendimento do nosso sistema alfabético de escrita.(p.44)

E o que foi interessante na Disciplina de Português é que embasada nessa conclusão, foi possível avançar mais nesta construção e relação da linguagem escrita com idéias bastante significativas para o processo de alfabetização.

Até alguns anos, acreditava-se que a questão central do processo de alfabetização era a correspondência som-grafia, restringindo-se dessa forma esse processo ao mero domínio do código de escrita.

Hoje, sabe-se que a compreensão do sistema da escrita é apenas uma parte não sem importância, mas apenas uma parte do processo. Alfabetizar portanto é parte de um processo mais amplo– o letramento.

Quando começamos a estudar sobre letramento na faculdade na Disciplina de Português, confesso que este conceito não me era muito familiar, não sabia muito bem ao fundo o que era letramento e aos estudarmos e discutirmos em sala foi possível entender melhor e conseqüentemente direcionar melhor o trabalho de alfabetização.

Letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como conseqüentemente de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. (SOARES, 1998, p.39).

Existem diferentes níveis de letramento, que variam de acordo com diferentes oportunidades de contato com a leitura e a escrita. Em relação ao processo de letramento pode se iniciar antes da aquisição do código escrito.

A partir daí, senti-me desafiada mais ainda a ALFABETIZAR LETRANDO, não parecia algo tão fácil, mas também não era tão diferente da forma em que sempre trabalhei.

Sendo assim lembro-me que me senti convidada a colocar um pouco mais em prática esses conhecimentos que estava adquirindo.

Fui selecionando diferentes materiais, e aos poucos levando para a sala de aula uma maior concentração de diferentes tipos de textos e passei a observar mais a relação das minhas crianças com estes materiais.

Também procurei lidar melhor com as práticas letradas vivenciadas fora da escola, planejando as atividades de alfabetização de forma a garantir a participação das crianças em eventos diversificados de letramento.

Não me parecia muito fácil trilhar aquele caminho, pois o novo é sempre difícil, porém estava mais segura mediante a tudo que estava estudando e aprendendo e sabia que precisava romper barreiras para ir de encontro a uma alfabetização mais significativa para meus alunos.

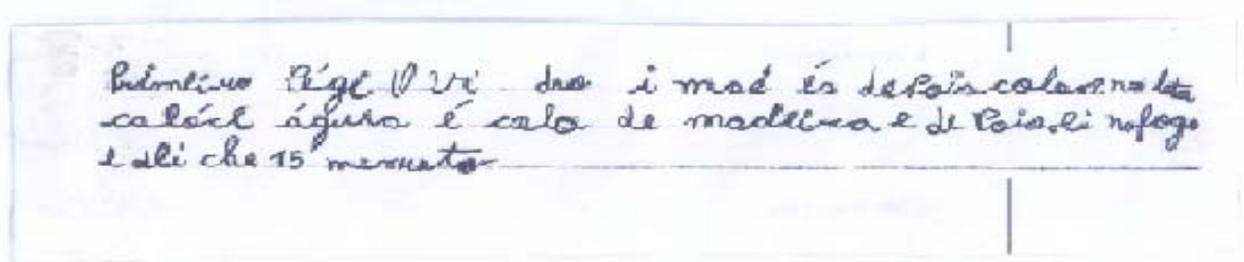
Lembro-me que um certo dia na sala de aula, propus aos alunos que desenhassem o que mais gostavam de fazer em seu momento de lazer. Um aluno considerado com problemas de escrita e que sempre se recusava a escrever, desenhou dois garotos empinando pipa.

Segue abaixo o seu desenho:



Quando solicitei a ele que comentasse o desenho ele contou que gostava de empinar pipa e de “cortar” pipa, untando a linha com cerol. Perguntei ainda a ele o que era cerol e como fazia, o aluno enumerou todos os procedimentos. Incentivei-o então a escrever a receita do cerol para mim, sobre a justificativa que gostaria de oferecê-la ao meu sobrinho.

O texto a seguir é o resultado do seu esforço:



O resultado do seu esforço foi bastante significativo para mim, embora tivesse em seu texto erros de grafia, ortografia, gramática e estruturação, mas identifiquei que o que ele já possuía era de grande relevância, bastando apenas aprimoramento, pois sua linguagem escrita estava em construção.

Em outros tempos sem este conhecimento sobre letramento que hoje tenho, teria eu, considerado o seu texto e o seu esforço em escrevê-lo motivo de frustração para mim, uma vez que não atendesse aos padrões convencionais da escrita.

Mas com o aprofundamento e aprendizado que tive ao estudarmos sobre letramento, evidenciei no texto do meu aluno, que embora houvesse erros de grafia, ele sabia muita coisa.

Ele mostrou saber que a receita é o gênero adequado para se explicar a alguém como se fazem determinados materiais.

Sabia que a receita é preciso explicar como fazer, embora deixe implícitos alguns procedimentos que acredita ser do conhecimento de seu interlocutor (como qual procedimento deve ser utilizado para moer o vidro e se deve mexer a mistura no processo de “cozimento”).

Este tipo de atividade estimulou o interesse em meu aluno pela escrita, pois estava escrevendo sobre algo que faz parte do seu dia a dia e com isso, a sua escrita teve um significado para ele.

Estes tipos de exercícios que fizeram parte da minha alfabetização são baseados em uma proposta de silabação e memorização, sem significado algum para as crianças e sem propor nenhum tipo de questionamento, pensamento ou desafio. Enquanto no exercício que solicitei ao meu aluno de escrever a receita do cerol, ele precisou pensar, tomar decisões, como por exemplo, a forma que se explicar a uma pessoa como se realiza determinada coisa, e principalmente pôde escrever sobre algo que tinha significado para ele, ou seja, fazia parte do seu cotidiano.

Já nos exercícios de silabação e memorização apenas o aluno mobiliza conhecimentos de motricidade, visual e auditiva, só precisa copiar, o que não exige esforço algum de compreensão da língua. Atividades essas portanto, que

não possibilitam ao aluno a empreender esforços para compreender a língua e a linguagem. Um aluno pode passar muito tempo na escola realizando atividades dessa natureza sem que esteja aprendendo a ler e a escrever.

Toda essa diferença de métodos e estratégias, não foi de um dia para outro que a compreendi, precisou de anos de experiência na profissão e de logicamente avançar nos estudos desta relação da escrita e linguagem.

Quando estudei toda essa relação no curso de Pedagogia na Disciplina de Português, sabia que estava tendo uma oportunidade grande de repensar sobre essas problemáticas, e foi justamente o que aconteceu, pois a partir dela me atendi a adequar melhor as condições de como acontece o processo de alfabetização. Foi o que me aconteceu quando trabalhei a receita de cerol com o meu aluno e tantos outros trabalhos que realizei sobre este olhar. Ou seja, considerar a realidade, vivência e cotidiano do aluno e proporcionar mecanismos de aperfeiçoamento e estímulo para o seu desenvolvimento, permitindo-o evoluir.

Assim, podemos entender que o modelo tradicional de alfabetização entendida como uma simples aquisição do código escrito não deu conta de explicar todos os aspectos que envolvam o uso da escrita, pois não supõe o que os sujeitos conseguem fazer com a escrita. Para isso a nova percepção crítica de letramento procura apontar por exemplo, para o fato de que mesmo indivíduos não-alfabetizados, sobretudo nas sociedades urbanas contemporânea, já estão mergulhados em um mundo de escrita e participam de diversas práticas letradas.

A possibilidade de poder participar dessas práticas letradas em menor ou maior grau tem consequência sobre o indivíduo e altera seu estado ou condições em aspectos

sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, lingüístico e até mesmo econômicos. (SOARES, 1988, p. 18)

O que foi bastante interessante também na Disciplina de Português é que ao cursar a disciplina eu estava com uma sala com muitos problemas de alfabetização, e ao mesmo tempo, em que pude aprender mais sobre a alfabetização e a como melhorar meu trabalho, pude também trazer para as aulas desta disciplina, alguns casos de alunos com problemas de alfabetização para que em sala pudéssemos discutir e com a ajuda da sala buscar melhores alternativas de trabalho.

É muito importante conhecermos a fundo os modelos de alfabetização, bem como o processo em que ela acontece, pois com mais conhecimento do assunto é possível direcionar melhor o trabalho pedagógico. E eu acredito que com todo este estudo que tivemos pude entender melhor que para se alfabetizar, é necessário que a criança pense, reflita, raciocine, erre para poder acertar, estabeleça relações, faça deduções ainda que nem sempre corretas. Que erros como pensar que se escreve uma letra para cada sílaba são erros construtivos, isto é, erros necessários á construção do conhecimento da escrita.

Algo que também muito me acrescentou nesta disciplina foi o trabalho com a leitura nas práticas de alfabetização, visto que a leitura é um dos elementos norteadores das práticas de alfabetização. Vimos que, já que não se ensina a criança a ler, e sim ela ensina a si mesma, deve-se então questionar como a escola e o professor podem apoiá-la neste longo processo. Apoio neste contexto se refere ao suporte a todas as crianças.

O apoio primordial é a criação de um ambiente estimulante, geridos por elas, onde existam bibliotecas e no qual tenham projetos que a estimulem a ler sobre diferentes situações, principalmente pelo simples prazer.

Sempre acreditei que formaríamos melhores cidadãos, quando formássemos melhores leitores, por isso sempre incentivei muito meus alunos a leitura. Sempre gostei de trabalhar com livros de histórias infantis, pelos quais em toda minha profissão fui me apaixonando. Um deles, por exemplo e que tenho uma preferência singular, talvez por ter marcado época e também por poder me identificar com a história da personagem foi o livro: “Lúcia Já vou indo”, que conta a história de Lúcia, uma lesminha encantadora, que vivia frustrada por não conseguir chegar a tempo nas festas em que era convidada, até que um dia, os amigos comovidos com seu drama, tiveram a idéia de fazer a festa na casa dela. Reconheço que esta paixão por essa história é um tanto estranha na minha faixa etária, mas com uma explicação significativa ao recordar minha infância.

Lembro-me que, nas séries iniciais em que eu estudava, não tinha acesso aos livros na escola e muito menos em casa, por se tratar de ter uma família bastante humilde.

Nunca ganhei um livro de presente, nunca alguém em minha casa me contou uma história e o pior que, nem mesmo na escola. Apenas líamos textos com determinados objetivos: copiá-los e interpretá-los.

Nunca tive contato com livros de histórias infantis, nem algum tipo de motivação e incentivo para a leitura, o que para uma criança em processo de construção de conhecimento e aprendizado é absolutamente inaceitável.

Ao entrar no então chamado “ginásio” enfrentei um “bombardeio de livros, como: O Cortiço, A Normalista, e outros. Lia-os por obrigação, nunca por prazer, pois não se havia trabalhado comigo antes a motivação e o interesse pela leitura. Foram queimadas etapas em minha construção de leitora, o que até hoje trago conseqüências.

Não passei por um processo gradativo de leitura em termos de página, assunto e interesses, e isso tudo fizeram de mim a leitora que sou hoje. Leio por necessidade, raramente por prazer.

Tomando por base minha própria experiência de leitura, sempre procurei despertar em meus alunos o prazer pela leitura que em mim não foi despertado. Procurei nunca impor a leitura, mas sim os livros, como um prato delicioso a ser saboreado.

Ao estudarmos na faculdade a literatura, vimos que há muitos processos que envolvem o ato de ler e estes processos foram discutidos e analisados, especialmente por nós alunas/professoras do curso, na realização de tarefas propostas, no trabalho pessoas e nas importantes discussões realizadas em sala.

Como sabe-se, a leitura é um processo de contínuo aprendizado, assim, salienta-se que, desde cedo, é preciso formar um leitor que tenha um envolvimento integral com aquilo que ele lê. De maneira que a cada leitura se possa adquirir mais profundidade e intimidade com o texto, que se consiga estabelecer um diálogo, fazendo perguntas e buscando respostas, seja o texto uma história, uma fábula, um conto de fadas ou qualquer outro.

Nesse sentido, pode-se mencionar ainda que a leitura, além de produzir um contínuo aprendizado, desenvolve a reflexão e o espírito crítico e é fonte inesgotável de assuntos para melhor compreender a si e ao mundo. (CAGNETI, 1986, p.23).

Analisando as considerações aqui mencionadas, vimos que é muito importante para as crianças às situações de interação, contato e manuseio de materiais escritos para a sua evolução e aprendizagem da leitura e da escrita. Mas, será ainda mais enriquecedor se este contato e manuseio for com histórias de literatura infantil, pois os desenhos maravilhosos que encontram-se explícitos nos livros são como uma chamada, um convite que fascina a criança, proporcionando-lhe interesse e prazer.

Como professora posso perceber isso em minha prática pedagógica. Vejo o interesse e o entusiasmo das crianças quando estou contando a elas uma história de literatura infantil. Parece que estamos vivendo aquele momento, aquela situação apresentada na história. Histórias como os “Os três porquinhos” entre tantas outras, são muito apreciadas pelas crianças acima de todos os contos “realistas”, particularmente se são apresentadas com sentimento pelo contador de história.

Quando estávamos ainda estudando sobre literatura infantil na faculdade, me senti também inspirada para organizar melhor este espaço de leitura na minha escola.

Também iniciei um projeto para melhor trabalhar com textos “Histórias que a família conta” tomando por base que nem todas as famílias contam histórias para seus filhos, percebi que poderia fazer o caminho contrário, contava as histórias aos alunos e pedia que contassem em casa aos seus familiares, com o intuito de despertar esta relação entre pais e filhos.

Contava as histórias já perguntando se alguém conhecia; histórias como Lobisomem entre outras onde as pessoas mais antigas costumavam contar e assim já explorava a oralidade.

Sempre quando a criança em sua casa ia contar alguma dessas histórias ouvidas na sala de aula, seus pais costumavam aproveitar a oportunidade para contarem alguma outra história semelhante aquela, de “causos” ou ficção, aquelas de efeito: dito popular.

No dia seguinte, as crianças recontavam essas histórias em sala de aula, onde sempre eu procurava fazer argumentações e indagações a eles, explorando a sua oralidade nas respostas.

Fui aos poucos tentando criar este vínculo entre as crianças e seus pais, fui propiciando um espaço de contato entre pais e filhos, um espaço para sentarem, conversarem, ou seja, um ouvir o outro.

Queria que meus alunos tivessem em casa algo que nunca tive: motivação pela leitura, pois sabia o quanto isto seria imprescindível para a sua formação de bom leitor.

Nos dias de hoje, percebe-se que as crianças começam a formar sua leitura de mundo e despertar para rabiscos, traços e desenhos desde cedo, conforme as oportunidades que lhes são oferecidas.

Portanto a escola necessita de maior aproximação com a família para ambos serem transmissores destas oportunidades, procurando assim despertar na criança o gosto pela literatura infantil.

Sendo assim, é preciso oferecer às crianças oportunidades de leitura de forma convidativa e prazerosa.

E é nesse sentido que a literatura infantil desempenha um importante papel, o de conduzir as crianças não só à aprendizagem, contribuindo para uma sistematizada escrita, (como é o caso das fábulas), mas que permita que se realize a leitura com fruição, isto é, que se sinta prazer ao estar lendo.

E isso é ótimo, pois é fundamental que as crianças sintam o gosto pela leitura. A literatura possibilita então, que as crianças consigam redigir melhor desenvolvendo sua criatividade, pois, o ato de ler e o ato de escrever estão intimamente ligados.

Nesse sentido, “a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização...” (COELHO, 2000, p.27).

E é essa importante relação de leitura e escrita que venho procurando desenvolver em meu alunos; uma relação de importantes significados para ela,

diferente por exemplo da forma em que esta relação se fez presente em minha formação . Pois ao falar sobre leitura e a escrita na minha vida não há coisas relevantes para se destacar, a não ser que foi sempre de forma metódica e tradicional.

Desde pequenina, como já disse anteriormente, não tive contatos com livros, principalmente esses paradidáticos que hoje incentivamos tantos nossos alunos a estarem em contato com eles, pois minha família era bastante carente de recursos financeiros e culturais. Quando entrei na escola pude ter um pouco mais de contato com a leitura e escrita, mas sempre de forma restrita e pouco motivadora.

Hoje sei que preciso ser uma melhor leitora, ler mais e principalmente ler por prazer e fazer com quem meus alunos, possam ser também assim; leitores e apreciadores da leitura.

Na minha sala atualmente havia um aluno que quase nunca se interessava por livros, raramente pegava um livro na mão e também não se atentava a ouvir as histórias que eu contava à sala. Fiquei analisando esta situação por um certo tempo e procurando uma maneira de reverter aquilo.

Comecei então a perguntar e a sondar sobre as coisas que ele gostava, do que mais se interessava em brincar, etc...

Diante das suas respostas procurei livros que falassem sobre aquelas preferências como “bolinhas de gude”, pipa, pião... e a partir daí comecei a lhe dizer que havia encontrado pessoas que gostavam da mesma coisa que ele, que

gostavam de brincar do mesmo jeito que ele, e ainda sugeri a ele que olhasse o livro para ver se realmente eles eram iguais ou parecidos.

Ele aceitou a proposta e realmente ficou entusiasmado ao ver no livro seus brinquedos e brincadeiras preferidas.

Percebi assim que muito mais do que incentivar a leitura é necessário torná-la ainda algo de significância e de vivências para o leitor.

Recordei-me ai então, da minha preferência pelo livro “Lucia já vou indo”, como já disse anteriormente em meu texto, pois este livro de literatura infantil foi que mais me atraiu já adulta, justamente por me fazer recordar e me identificar com minha infância.

O Que É Letramento?

*Letramento não é um gancho
Em que se pendura cada som
Enunciado,
não é treinamento repetitivo
de uma habilidade,
nem um martelo
quebrando blocos de gramática*

*Letramento é diversão
é leitura à luz de vela
ou lá fora , à luz do sol.*

São notícias sobre o presidente

*Um bilhete de amor;
telegrama de parabéns e cartaz de
velhos amigos*

*É viajar para países desconhecidos
sem deixar sua cama
é rir e chorar
com personagens, heróis e grandes*

amigos.

*É um Atlas do mundo,
sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias,*

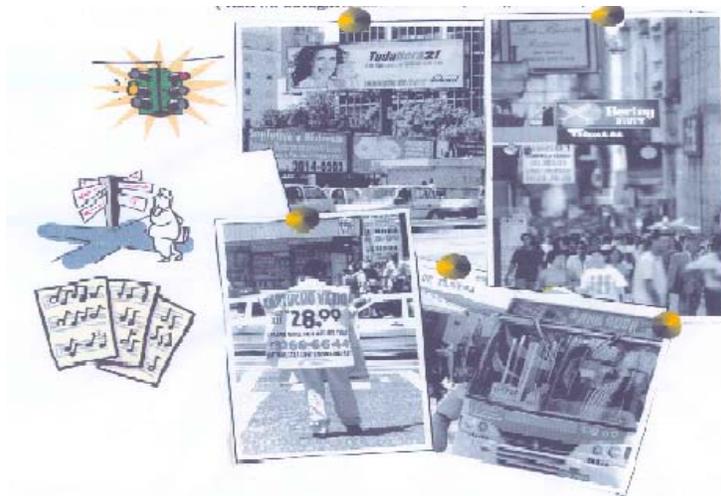
*o tempo, os artistas da TV
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.*

*É uma receita de biscoito,
uma lista de compras, recados
colado na geladeira,*

*e orientações em bulas de remédio
para que você não fique perdido.*

*Letramento é, sobretudo,
um mapa do coração do homem,
um mapa de quem você é,
e de tudo que você pode ser.*

(Kate M. Chong, estudante americana, de origem asiática)



MEMÓRIAS V

Cada semestre na universidade foi sempre uma oportunidade a mais de conhecimento, pesquisa, reflexão e aprendizado para mim.

Cada disciplina veio acrescentar sempre algo a mais e é claro nos levar a refletir sempre sobre nossa prática nos convidando a mudanças e aperfeiçoamentos.

Como já disse anteriormente, a disciplina de Português veio muito ao meu encontro e me ajudou muito na minha prática, mas claro que cada disciplina trouxe a sua contribuição.

A disciplina de matemática, por exemplo, veio subsidiar-me na aquisição de novos conhecimentos pedagógicos matemáticos, bem como um aprofundamento e embasamento teórico, fazendo sempre uma ligação com a prática, o que foi possível despertar uma melhor reflexão e mudança em minha sala de aula.

E esse subsídio, foi bastante importante, pois a matemática para mim sempre foi um desafio como aluna, lembro-me que as notas mais baixas que já tirei durante o meu percurso escolar foram sempre na disciplina de Matemática, pois sempre tive muita dificuldade em compreendê-la o que me fez possuir uma certa resistência com esta disciplina .

Quando comecei a dar aula e entre as disciplinas ministradas por mim havia a matemática senti-me muito desafiada pois queria que meus alunos não possuíssem o mesmo bloqueio que eu tinha com esta disciplina.

Procurei trabalhar com a matemática voltada para o concreto, para o cotidiano, e com isso pude ao mesmo tempo que ensinar romper algumas barreiras e traumas com a disciplina. Aprendi a gostar da matemática, pois consegui dar a ela uma significância diferente daquela com a qual eu aprendi.

E ao trabalharmos a disciplina de Matemática no curso de pedagogia pude superar ainda mais as minhas diferenças com esta disciplina e levar os meus alunos a creditarem que a matemática, embora complexa, leva-nos a construção de um saber que nos capacita a pensar e refletir sobre a realidade, assim como

agir e transformar, encontrando assim a razão para o porque de aprender matemática e gostar!

Não foi fácil vencer este desafio, mas a cada ano procurei tornar a matemática mais significativa e abrangente aos meus alunos, superando as diferenças e dificuldades que sempre tive. Claro que o desafio continua e vai continuar sempre, pois ensinar matemática é muito mais que ensinar números e operações matemáticas mas sim tornar o conhecimento matemático incluso no conceito de alfabetização em seu sentido amplo; apropriando-se de outras formas de leitura de mundo.

E é claro que este desafio não foi apenas da disciplina de matemática e sim de todas as disciplinas que ao longo do curso tivemos, pois cada uma nos convidou a repensarmos em nossa prática e a buscarmos melhores alternativas de trabalho.

Cada semestre, cada disciplina, cada troca de experiências com as colegas da sala, cada leitura, cada aprendizado, foi sem dúvida uma fonte enriquecedora onde pudemos nos alimentar dela.

Claro que não foi fácil chegar até aqui e não foi fácil permanecer aqui, considerando toda a história de vida de cada uma de nós aluna. Para mim, em particular realmente foi travar uma luta de resistência, pois a minha luta diária começa 4:45 hs da manhã quando acordo, saindo da cidade de Monte Mor onde moro para dar aula no município de Campinas.

E como se não bastasse ainda, ao término da primeira jornada saio em disparada rumo à outro município, desta vez o de Hortolândia, para cumprir o

segundo período de aula, com certeza a esta altura já me encontro bastante cansada e limitada, porém necessito de forças para voltar para a minha cidade para um rápido banho e uma retomada novamente para Campinas, mas precisamente para a Unicamp.

Dividir-se em três cidades, em três compromissos não é nada fácil, se considerar ainda que o final de semana que deveria ser para descanso passou a ser tomado pelas constantes leituras de textos e de trabalhos e também o de preparar aula para as escolas onde trabalho. Realmente somente com muita força e perseverança foi possível suportar esta “maratona” diária.

Mas à vontade, a superação e perseverança foi o que sempre me permitiu resistir, e embora algumas vezes no caminho me ocorresse vontade de desistir o meu maior objetivo me dava forças para continuar.

Cada semestre, era um novo desafio, ao mesmo tempo que uma oportunidade única de aprendizado e aperfeiçoamento; claro que nem tudo foram flores, pois desde do início do nosso curso foram muito os obstáculos e dificuldades encontradas, porém, a força de cada uma de nós de superação foi maior.

E foi maior porque o fato de estarmos tendo um precioso espaço de reflexão e aprendizado nos levou a termos a certeza que estávamos no caminho certo. Estávamos tendo um espaço de muita reflexão sobre diferentes temas e questões.

Lembro-me que ao estudarmos algumas disciplinas como a da História da Educação, por exemplo, foi possível repensar e interpretar melhor todo a questão

social da educação. E toda essas discussões e reflexões atentou-me a olhar melhor para estes aspectos dentro da escola e direcionar melhor o meu trabalho, pois, passei a levar estas questões para os demais profissionais da escola em que trabalho, sempre procurando, coletivamente, maneiras e alternativas que pudéssemos nortear melhor o trabalho pedagógico dentro do contexto social.

O que eu desejava na verdade com este tipo de trabalho era que meus alunos jamais pudessem expressar ou vivenciar sentimentos como o do preconceito ou da discriminação e que pudessem ter um olhar crítico e repugnante para tal sentimentos.

E é lógico que este trabalho não é fácil, pois os nossos alunos já possuem uma bagagem cultural e de valores, mas cabe a nós professores “plantar boas sementes” para colhermos “bons frutos futuramente”.

Acredito que nós educadores, não podemos ser omissos a todos as problemáticas sociais, nem tão pouco deixar de desenvolver um trabalho pedagógico voltado para estas questões, procurando assim oferecer aos educandos uma forma crítica e reflexiva sobre a sociedade em que estão inseridos, bem como despertando neles capacidade de transformação e não de acomodação.

E foi esse mesmo espírito de reflexão, análise e mudança que adquiri aos longos desses quase já três anos de universidade e considero-me assim que pude em muitos momentos parar para refletir sobre muitos fatores e buscar alternativas de mudanças para muitas coisas.

E é justamente isso que desejo despertar também em meus alunos, para que possamos ter uma sociedade não passiva e estática, mas crítica-reflexiva.

E, durante este curso de Pedagogia, pudemos em todo momento repensar melhor sobre o papel da escola e do professor na educação e que deve ser focado na gestão da sala de aula, com práticas não discriminatórias. O professor deve exercer o papel de mediador no processo de desenvolvimento e no fortalecimento do autoconceito, assim, estará possibilitando ao aluno a busca do seu desenvolvimento.

No estudo deste curso de Pedagogia, pude perceber, através de observações e investigações, o quanto à educação mudou, sabemos que nem sempre foi preocupação das nações, tão pouco contou com uma política educacional ou proposta pedagógica definidas. Sabemos que na escola revelam-se os valores, os costumes e as crenças da sociedade e das pessoas.

E em meu ver o que ficou muito claro para mim é que as escolas (comunidade/professor/aluno) precisam unir forças para atender às necessidades que surgem no contexto da comunidade, modificando a postura, os métodos de ensino e os conteúdos e, sobretudo, os nossos objetivos que devem estar centrados no respeito à diversidade cultural, à ética e à cidadania.

Pude sim mudar bastante minha prática e a minha postura como profissional, principalmente na questão das minhas atitudes e procedimentos com os meus alunos. Por exemplo, na questão da diversidade cultural dos meus alunos, na questão do respeito com a criança, sua cor, raça, religião. Achei também que houve uma transformação muito grande na forma em que trabalhava, e percebi

que eu ainda tinha uma visão fechada. Através do curso pude conseguir interpretar melhor, colocar-me de outra forma dentro da sala de aula e com isso conseguir os avanços para a minha turma. Através dos estudos feitos, principalmente da psicologia que contribuiu grandemente, consegui enxergar de maneira diferenciada que o mais importante é o relacionamento entre os alunos e para que isso aconteça tem que ter respeito um pela cultura do outro.

Hoje, quando os alunos trabalham em grupo não tem mais aquele preconceito de não querer sentar com o colega porque ele é negro, pobre ou de outra religião; então, eu consegui com isso fazer com que o aluno enxergue que todos são iguais.

Antigamente, eu também não via que tinha que ter objetivos claros, direcionados à realidade do aluno; hoje, eu sempre me pergunto se o que estou trabalhando é importante para a sobrevivência do aluno, se tem função social.

Acredito que essa foi uma das muitas mudanças que eu tive, pois hoje eu respeito mais a diversidade do aluno, a ética e a cidadania. O curso veio provar que quando o professor amplia os seus conceitos sobre cultura, pode trabalhar de forma diferenciada e mais rica com os alunos.

E no PROESF (Programa de Formação de Professores em exercício da RMC parceria entre a Secretaria de Educação Municipal), o que pude perceber como aluna é que existe um enorme respeito e valorização das características culturais dos Professores-Cursistas, considerando-os sujeitos que têm um passado histórico e pertencem a grupos sociais com experiências culturais próprias, que definem seus interesses e necessidades de aprendizagem e trazem

consigo um saber escolar e um conhecimento prévio que devem ser valorizados.

Além disso, compreende-se o processo de formação como um processo social de interação e trocas pessoais. Essa proposta para a formação nos levou a ter um compromisso muito grande de colocar em pauta as questões e temas que conduziram o professor a um lugar de reflexão sobre a sua prática pedagógica.

No PROESF, a busca do conhecimento de si próprio se deu também, pela elaboração do memorial. Nas últimas décadas, em vários campos do conhecimento, têm surgido novas perspectivas metodológicas de abordagens autobiográficas, sobretudo na área de formação de professores. Segundo Moita (1999), "ninguém se forma no vazio". Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações...

O processo de formação pode assim considerar-se a dinâmica em que se vai construindo a identidade de uma pessoa. Processo em que cada pessoa, permanecendo ela própria e reconhecendo-se a si mesma ao longo da sua história, se forma, se transforma, em interação. Essa abordagem faz parte de um conjunto de pesquisas que privilegia o trabalho através do relato de experiências, memoriais e construção da história de vida com o objetivo de investigação e de formação. A meu ver, abordagens introspectivas como essa podem alavancar o progresso dos estudos sobre a formação de professores.

Através do memorial, o professor poderá reconhecer na macro-história a sua história pessoal e na teia social o seu papel como sujeito. A elaboração do memorial

proporciona momentos significativos de aprendizagem, resultando em "saltos" de crescimento pessoal.

O memorial é uma forma de registro e análise de suas representações, idéias, tematização da prática pedagógica e revelação do percurso de formação do professor. A partir do memorial, os professores são instigados a reconstruir as suas histórias de vida e sua identidade profissional. Ao reconstruir suas experiências em um ambiente planejado e organizado para a formação, ocorrem múltiplos processos de desenvolvimento, principalmente, pela via do afeto e emoções.

Portanto, o memorial ao qual escrevo está sendo para mim uma espécie de "diário", no qual fui escrevendo e contando sobre o que estou sentindo, refletindo, vivenciando durante o meu processo de formação.

É um documento rico e dinâmico, elaborado de forma gradual por cada um de nós aluno-professor, no qual devem estar presentes os afetos e desafetos, os acertos, as vitórias, os avanços, mas, também, as falhas, os momentos de desânimo, as paradas, as dúvidas.

Reconhecer vontades, gestos, experiências, acasos, reelaborar os equívocos e erros perceptivos que foram revertidos para ações, comportamentos e atitudes em sala de aula é o passo decisivo para repensarmos nossa prática pedagógica, ampliando o nosso conhecimento sobre si e sobre o mundo.

Assim, ao fazer as leituras dos memoriais, podemos reconhecer como se dá o processo de desenvolvimento e aprendizagem dos professores que, ao serem instigados a uma reflexão sobre as representações sociais, expectativas e preconceitos, passam a rever sua história de vida e conseguem dar saltos de aprendizagens.

O caso do meu memorial foi exatamente assim, por isso optei em fazê-lo sem uma preocupação precisa acadêmica mas sim, impulsionada pelos sentimentos e sensações vindas do coração, da emoção daquilo que vivi, que realizei, que senti que desejei e que consegui como professora e como aluna-professora.

E o que consegui foi com muita dedicação, pois não conheço ninguém que tenha vencido na profissão e no estudo sem dedicar-se. Para se conseguir um resultado diferente, você tem que ser especial.

A realização de um sonho depende da dedicação e perseverança de cada um. Há muita gente que espera que o sonho se realize por mágica. Mas toda mágica é ilusão. E ilusão não tira ninguém do lugar. A determinação funciona como uma chave para a vitória individual. Pelo fortalecimento da dedicação e determinação, nós tornamos capazes de manifestar livremente uma ilimitada sabedoria que proporciona a felicidade!

E eu estou muito feliz em ter conseguido, através dessa minha dedicação e determinação, ter um dia escolhido ser professora, passar por diversas experiências e sensações, e ter ainda tido forças para buscar em uma universidade o aperfeiçoamento dessas experiências e também de ampliar meus conhecimentos.

E AGORA??????

Lágrimas no olhar? Talvez

Aperto no coração? Provavelmente

Brilho no olhar? Com certeza

Sorriso no rosto ? Irradiante

Coração acelerado? Constantemente

Alegria na alma? Imensa

Sentimentos aflorados? Todos

Pois eu: CONSEGUI

CHEGAR

(OU PELO MENOS ACREDITO ESTAR PRÓXIMA DISSO!!!)

O convite com o qual iniciei este memorial foi um dos mais importantes convites que já recebi, pois representou uma porta muito importante que se abriu na minha vida e também um sonho real que eu começava a viver, por isso a significância deste convite como ponto de partida inicial para a escrita de todos os relatos e as emoções vividas na universidade e antes dela também relatados aqui neste memorial.

E o convite que gostaria de finalizar este precioso memorial é um convite que ainda não recebi mas que tenho confiança de em breve estar com ele em mãos para poder entregar as pessoas queridas que sem dúvida foram parte importante para esta conquista como minha família e meus amigos.



CONVITE

Roselene
Cavalcante Trindade e demais

formandos de 2005, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas- Unicamp, sentem-se honrados em convidar V.Sa e Exma. Família às solenidades de sua formatura.

PROGRAMA: *Coação de Grau*

Data: 12 de agosto de 2005

Horário: 19:00hs

Local: Ginásio de Esportes-Unicamp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que Te Quero Livre**. Rio de Janeiro: Ática, 1986.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

GARCIA, D.M.F. **Diversidade cultural, conflitos e educação: algumas reflexões teóricas**. In. **Revista de Educação, Puc-Campinas, n10. Multiculturalismo, Diversidade cultural e educação**. Editora Puc-campinas, Junho de 2001.

KATE, M. Chong, estudante, Norte-americano de origem asiática, ao escrever sua **história pessoal de letramento – tradução com adaptação em letramento – Um tema em três gêneros**, de Magda Soares, Editora Autentica – (BH).

LEITE, Sérgio Antônio da Silva(org). **Alfabetização e Letramento. Contribuições para as práticas pedagógicas**. Campinas, S.P: Komedi, Arte Escrita, 2001.

MOITA, Maria da Conceição. **Percursos de formação e trans-formação. 2 ed.In NÓVOA, Antônio(org) Vidas de Professores**. Portugal: Editora Ltda, 1995.

REGO, Lucia Lins Browne. **Leteratura infantil: uma nova perspectiva de alfabetização na pré-escola**. São Paulo: FTD, 1988.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1988.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros- 2.ed.3 reip**, Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas . 26° Reunião Anual da ANPED-GT. Alfabetização, leitura e escrita**. Poços de Caldas, 7 de outubro de 2003.

TRINDADE, Azoilda Loretto da, Santos, Rafael dos (orgs). **Multiculturalismo: mil e uma faces da escola**. 2ed. Rio de Janeiro: DP&. 2000.